



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS – FATECS

ANDERSON OLIVIERI MENDES
RA 21245495

LUCAS SALOMÃO DE OLIVEIRA
RA 21137535

A RAÇA DE ISMAEL:
do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira

BRASÍLIA
2014



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS – FATECS

ANDERSON OLIVIERI MENDES
LUCAS SALOMÃO DE OLIVEIRA

A RAÇA DE ISMAEL:
do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Orientador: Professor Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA
2014

**ANDERSON OLIVIERI MENDES
LUCAS SALOMÃO DE OLIVEIRA**

**A RAÇA DE ISMAEL:
do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Professor – Mestre em Comunicação Social
Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, junho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Luiz Cláudio Ferreira

Examinador (a)

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Ao amigo Lucas Salomão, jornalista brilhante, de carreira promissora, pelo aprendizado que foi trabalhar ao lado dele neste projeto.

Agradeço a meus pais, familiares, mestres - em especial aqui ao brilhante Luiz Cláudio - e amigos pela existência e paciência. Sem vocês, impossível seria a conquista, a vida.

À Érika Jarjour, esposa incentivadora, que sonhou, e caminhou, junto comigo, lado a lado, nessa jornada da graduação em Jornalismo.

Ao Ismael, em especial, por com a alma, declamar Fernando Pessoa aos que o cercam e, sem ruídos, dizer: "tenho em mim todos os sonhos do mundo".

A Deus, sempre!

Anderson Olivieri

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre, pelo dom da vida e pelas pessoas que colocou em meu caminho.

A meus pais e irmãs, herói e heroínas da minha vida, por estarem em meu pensamento em tudo o que faço.

Ao grande amigo e brilhante jornalista Anderson Olivieri, por tudo o que tem me ensinado durante esta curta, mas marcante, convivência.

Ao mestre Luiz Cláudio Ferreira, por insistir e acreditar em mim, e por manter vivo o amor que tenho pelo Jornalismo.

A meus tios e avó, maiores exemplos do que quero ser.

À Meissa Mendes, pela paciência, pelo carinho e pelo amor.

Ao cunhado Thiago Resende, meu irmão, por nunca negar-me qualquer tipo de ajuda.

Ao novo amigo, Ismael, por nos permitir mostrar ao mundo sua linda história de vida e de superação.

Lucas Salomão

EPÍGRAFE

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar nos sonhos que se têm, ou que os seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém...”.

Renato Russo e Flávio Venturini – Mais uma vez (1986).

RESUMO

Este trabalho apresenta a realização de um documentário em vídeo sobre a vida de Ismael Batista da Silva, órfão de pai, ex-morador de rua, que encontrou no acolhimento de uma família de classe média de Brasília, a oportunidade de sobrevivência digna. O documentário traça um perfil da vida do personagem, com abordagem desde os seus primeiros anos até a grande realização profissional de sua trajetória. Em 2006, Ismael conquistou vaga de servidor do Supremo Tribunal Federal, por meio de concurso público. O registro fílmico traz testemunhos das mães biológicas e “adotiva”, da irmã, responsável pelo resgate das ruas, da diretora da escola onde ele passou parte da infância e adolescência, além de depoimento do próprio personagem central. As entrevistas foram realizadas em cenários reais da vida de Ismael: sua primeira casa, em Ceilândia, onde perdeu o pai; o lar em Samambaia, de onde partiu aos oito anos de idade; o Aeroporto de Brasília, local que o abrigou por dois meses; a quadra 406, da Asa Sul, casa em que viveu com a nova família; Colégio Imaculada Conceição; e Supremo Tribunal Federal.

Palavras-chave: Morador de rua. Preconceito. Vídeo biografia. Documentário. Produto jornalístico.

ABSTRACT

This work presents a video documentary about the life of Ismael Batista da Silva, fatherless, former homeless, who found in the host of a middle-class family the opportunity of dignified survival. The documentary shows a life profile about the character, with an approach since his early years until his great professional achievement. In the year of 2006, Ismael conquer a post of federal employee at Brazil's Federal Court of Justice. This film register brings testimonials from his biological and "adoptive" mothers, his sister, responsible for taking him out of the streets, the school's director where he spent part of childhood and youth, plus testimony with the central character himself. Those interviews were made at real places of Ismael's life: his first house in Ceilândia, where he lost his father; the home in Samambaia, from where he left at the age of eight; the Brasilia Airport, place that had him for two months; the 406 square, at Asa Sul, roof on where he lived with his new family; the Imaculada Conceição School; and Brazil's Federal Court of Justice.

Keywords: Homeless. Prejudice. Video biography. Documentary. Journalistic Product .

SUMÁRIO

Introdução	9
1 A Linguagem Audiovisual	13
1.1 Documentário	14
2 Método de Produção	18
2.1 Pesquisa e pós-produção	18
2.2 Fontes	19
2.3 Entrevistas	20
2.3.2 Realização das entrevistas	21
2.4 Roteirização e edição	23
Conclusão	25
Referências	27
Apêndices	28
Apêndice A	28
Apêndice B	33

INTRODUÇÃO

Uma das facetas da desigualdade social no Brasil está revelada na quantidade de crianças que vivem em situação de rua no país. Não há números oficiais atualizados que indiquem quantas sofrem com essa realidade. No entanto, de acordo com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, que realizou, em 2012, pesquisa em 75 cidades do país, cerca de 24 mil meninos e meninas vivem em situação de rua no Brasil.

Segundo a pesquisa, os principais motivos para o êxodo de casa dessas crianças são discussão com pais e irmãos (32,3%), violência doméstica (30,6%) e uso de álcool e drogas (30,4%).

Em Brasília, os últimos números oficiais são de 2002. Os dados da época apontavam, inclusive, que o número de crianças e adolescentes que viviam nas ruas do DF era maior que de adultos, segundo estatísticas da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho do Distrito Federal (SEDEST, 2002).

Segundo a referida Secretaria, 315 meninos e meninas vagavam pelas ruas da cidade, superando a quantidade de maiores de idade em idêntica condição, 282. De acordo com a SEDEST, 90% dessas crianças e adolescentes têm família. As razões do abandono de casa mais citados pelos entrevistados foram pais dependentes de drogas, negligência, violência e abuso sexual.

A raça de Ismael – do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira pretende contar uma história semelhante à desses 312 meninos registrados na pesquisa de 2002, da SEDEST. Sem ignorar a problemática social dos moradores de rua em geral, o presente trabalho traz um relato vídeo biográfico da vida de Ismael Batista da Silva, ex-menino de rua, órfão de pai, que sofreu

preconceitos racial e social, mas superou as intempéries experimentadas e alcançou êxito pessoal e profissional.

O gênero de narrativa escolhido para a presente monografia foi o documentário. As imagens geradas, por causa da inexistência de outras de época, são atuais, feitas durante a execução do trabalho, sempre com a intenção de transportar o espectador aos fatos relativos à infância e adolescência.

A metodologia empregada foi o registro fílmico, embasado em entrevistas com personagens centrais da história: o próprio Ismael Batista da Silva, a mãe biológica, Ainoã Batista da Silva, a “adotiva”, Maria da Penha Carvalho Thomaz, a irmã “adotiva, Andrea Carvalho Thomaz Amaral e airmã passionista, diretora do colégio Imaculada Conceição, Maria José Campanharo.

O filme *A raça de Ismael – do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira* se propôs, portanto, a apresentar a história de um ex-menino de rua que tem desfecho distinto da maioria daqueles em situação semelhante de rejeição e abandono.

1.1 – Papel social do Jornalismo

Ainda há os que defendem o jornalismo como, essencialmente, um quarto poder da República. Tal linha é defendida com os preceitos e fundamentos teóricos de Nelson Traquina (2004, p. 48), que, em seu livro “Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são”, explica como o advento dos regimes democráticos fez emergir o princípio do “poder controla poder”.

[...] os jornalistas podiam salientar o seu duplo papel: como porta-vozes da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade que deveriam ser tidas em conta pelos governos, e como vigilantes do poder político que protege os cidadãos contra abusos (históricos) dos governantes (TRAQUINA, 2005, p. 48)

Ademais, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros preconiza, entre outros deveres do jornalista, o de divulgar fatos e informações de interesse público, bem como defender os direitos dos cidadãos, contribuindo para a promoção das garantias constitucionais, tanto de âmbito individual como coletivo, em especial de crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias em geral (FENAJ, 2007).

[...] o jornalismo é uma forma de conhecimento e, como tal, incumbe-se de atualizar o nível de informação da população com velocidade impossível de alcançar por outro meio. Sua necessidade social ampliou-se na medida em que as transformações políticas, sociais, científicas e tecnológicas se aceleraram, tornando inviável a atualização por outros processos, como contatos pessoais, demonstrações em auditórios etc. O jornalismo seria, assim, responsável tanto pela amplitude quanto pela superficialidade do conhecimento que as pessoas têm, fora de suas áreas específicas de atuação. No entanto, a influência da atividade jornalística penetra mesmo em setores que dispõem de estruturas próprias de coleta de dado (LAGE, 2004, p.18)

De acordo com o teórico Nilson Lage, o trabalho do jornalista tem um caráter social por atender as demandas por informação atualizada, para uma sociedade cada vez mais complexa e diversa.

Na mesma linha de raciocínio, ratificando o pensamento de Nilson Lage, tem-se a visão crítica e doutrinária de Pery Cotta, que vaticina: “os olhos de um repórter são previamente educados para ter uma visão crítica e social” (COTTA, 2005, p. 30). Infere-se, portanto, dentro deste contexto teórico, que incumbe ao jornalismo a missão de informar, divulgar e relatar fatos e acontecimentos que têm capacidade de afetar aspectos do cotidiano da população.

A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (KOVACH, ROSENTIEL, 2003, p. 22-23)

A vida de Ismael Batista da Silva, carregada de drama, violência, preconceito e, por outro lado, também de reviravoltas, superações e conquistas, representa, a partir das proposições sobre o papel social do Jornalismo e do contexto de produção apresentado, a essência da ciência em questão. A divulgação de histórias e fatos dessa relevância contribui não só para o exercício dos princípios do Jornalismo, como dá voz àqueles que venceram os percalços da vida, contribuindo para que novos episódios semelhantes se repitam.

1 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

Um fato, seja ele de qualquer proporção, só se torna realidade se tivermos ciência dele. Isso quer dizer que, se o fato não tiver publicidade, fica restrito ao universo em que ocorreu. Assim sendo, meios de comunicação podem interferir na forma como percebemos a realidade. Cada veículo possui uma linguagem própria e suas características interferem na vida das pessoas de diferentes maneiras.

O dito “uma imagem vale mais que mil palavras”, popularmente propagado na sociedade, indica, de certa forma, o poder que a televisão pode exercer sobre os espectadores. “A imagem é uma representação do real e por isso a TV transforma o telespectador em testemunha” (BISTANE, 2008, p.84).

Dependendo da intensidade, do impacto de uma imagem, 15 segundos podem permanecer na mente do telespectador para sempre, afirma Vera Paternostro (1999, p. 63).

Nilson Lage (2002) explica que notícia se define como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante. O fato principal é chamado LEAD que, apresentado logo no início da matéria, traz quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para que. (LAGE, 2002, p. 27).

Nas notícias televisivas, há também o lead, apesar de não haver de serem apresentadas todas as informações logo no início, uma vez que a narrativa com uso de som e imagem permite que as informações sejam dadas durante o decorrer da reportagem jornalística na ordem que os fatos ocorreram.

Na televisão, há diversas maneiras de começar uma matéria. Em alguns casos, o melhor para começar um VT pode ser uma boa imagem de impacto. Ou quem sabe, um barulho revelador. Ou, ainda, uma declaração importante, poética ou completamente inusitada (...) pode parecer subjetivo, e é. (BACELLAR; BITANE, 2005, p.13).

1.1 Documentário

O documentário é uma modalidade cinematográfica. Apesar de não haver uma definição concreta sobre o que é documentário, Bill Nichols, em seu livro *Introdução ao documentário*, afirma que a melhor maneira de explicar o gênero documentário é sempre pela comparação. Definir documentário seria tão complexo como explicar o que é amor ou a cultura. Não é um conceito fechado como um verbete de dicionário. (NICHOLS, 2007, p.47).

O documentário, em comparação às outras modalidades fílmicas, se distingue como ficção ou não ficção. O gênero documental se compromete com a exploração da realidade, mas não como uma representação tal qual a realidade, e sim, segundo uma visão subjetiva e pessoal do documentarista:

[...] se o documentário fosse uma representação da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. [...] Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original, sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir com os mesmos propósitos. [...] Documentário é o que podemos chamar de conceito vago. Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados veículos (NICHOLS, 2005, p.47).

Segundo Nichols, os filmes no gênero documentário dão ao espectador a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Para o autor, com o documentário, vemos visões (fílmicas) do mundo. As visões, de acordo com

Nichols, questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2007, p.27)

Diferentemente da grande reportagem, quando os acontecimentos têm de ser relatados com imparcialidade e objetividade, com pouca ou nenhuma ingerência do repórter, o gênero documentário permite ao diretor a possibilidade de imprimir suas próprias visões na construção do registro fílmico. Dessa forma, para Jean-Jacques Jaspers, o autor tem a liberdade de colocar seu ponto vista na elaboração de um documentário.

O documentário de criação fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, enquanto a grande-reportagem esconde esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade. [...] Qualquer opinião dos media sobre o real é, por definição, parcial. O documentário de criação reivindica, de algum modo, esta limitação. (JESPERS, 1998, p.175).

Se em uma reportagem que segue as técnicas do “bom jornalismo” são mostrados os dois lados de uma questão, no documentário, ainda que se respeitem as práticas clássicas do jornalismo, selecionando fontes com representação relevante e informações autênticas, o autor posiciona, a seu gosto, as imagens e seleciona as vozes que narram a história e que consigam reforçar o ponto de vista que o autor deseja mostrar.

A voz de um documentário serve para demonstrar uma perspectiva, um argumento ou um encontro. [...] A voz do documentário é, com muita frequência, a voz da oratória. É a voz do cineasta que tenciona assumir uma posição a respeito de um aspecto do mundo histórico e convencer-nos de seus méritos. (NICHOLS, 2007, p.77 e 79)

Outra característica que marca o gênero documental, em comparação com a reportagem televisiva, é a ausência de intervenções de um repórter. Nos filmes em documentário, dispensa-se o uso do *off*, e dá-se maior destaque às

imagens, que reforçam as falas dos personagens do filme. Para Manuela Penafria (1999), as imagens têm papel central no gênero, e ganham significado por si mesmas.

Ao contrário do que habitualmente se vê na televisão, não é obrigatório que um texto em off faça parte de um documentário. Na reportagem, essa obrigatoriedade deriva da necessidade de se explicarem ou descreverem as imagens que se veem. Pelo contrário, no documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito (PENAFRIA, 1999. p.23).

Ao se comparar os filmes documentais aos outros gêneros cinematográficos, nota-se que, apesar de diferenciarem-se em ficção e em não-ficção, os gêneros se encontram em algumas práticas em comum. Os documentários se utilizam, assim como os filmes de ficção, da roteirização, encenação, constituição, ensaio e interpretação; já os filmes de ficção utilizam práticas associadas aos documentários como uso de não atores, filmagens externas, câmeras portáteis e imagens de arquivo.

De acordo com Nichols (2009) os modos de representação documentária são divididos em expositivo, poético, observativo, participativo, reflexivo, e performático.

O documentário participativo, no qual se insere *A raça de Ismael: do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira*, tem a presença no mesmo ambiente dos criadores do documentário e dos personagens. A entrevista é utilizada como forma de interagir e recolher as informações necessárias ao desenvolvimento da narrativa. São testemunhos, histórias de vida relatadas pelas pessoas, confissões, ou diálogos que contam por si só a história que se deseja retratar e ajudam a representação e compreensão pelo expectador da realidade.

O filme foi produzido a partir de depoimentos colhidos por entrevista no formato de testemunhos pessoais e que depois foram selecionados e encadeados em uma sequência cronológica a fim de mostrar ao espectador a história de superação do personagem central.

2 MÉTODO DE PRODUÇÃO

Nesse capítulo serão apresentadas as fases de produção do trabalho desde o trabalho de pré-produção, pesquisa sobre a vida do personagem; as fontes; a condução das entrevistas; a escolha dos entrevistados; e o processo de roteirização e edição que possibilitaram a divisão do filme, chegando até o roteiro final e a edição das sonoras que foram selecionadas para desenvolver a narrativa.

2.1 Pesquisa e pré-produção

O trabalho se iniciou com uma fase de pesquisa e pré-produção. Antes da realização das entrevistas com pessoas que fizeram parte da vida do personagem central, era necessário saber detalhes sobre a infância pobre, a morte do pai e episódios que Ismael considerava marcantes em sua vida. Foi também, neste momento, que, munidos da data de morte do pai, pesquisou-se dados sobre mortes por armas de fogo no ano de 1986, em levantamento anual intitulado *Mapa da Violência*, realizado pelo pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz.

Após a fase inicial de pesquisa, foi o momento de entrevistar o personagem central, Ismael Batista da Silva, de forma a elencar os principais pontos que seriam abordados na elaboração do documentário. Esta entrevista inicial foi importante para delimitar quem seriam e o que seria perguntado mais a frente para os outros personagens do filme. Além disso, foi neste momento em que se decidiu em quais locais marcantes na vida do personagem central seriam realizadas as filmagens.

A elaboração do questionário base foi criteriosa para que, sabendo quais pontos seriam aproveitados na edição, os entrevistados relatassem aspectos

específicos e lembranças pessoais do convívio com o personagem central, de forma a facilitar a montagem, dispensando o uso de texto em *off* ou intervenção do repórter.

2.2 Fontes

As fontes, segundo Lage (2001, p. 63-68) podem ser classificadas como oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; e testemunhas e experts. Fontes oficiais são aquelas que de alguma maneira tem a autoridade do Estado, “são mantidas pelo Estado, como cartórios de ofício. São tidas como as mais confiáveis. As fontes oficiosas são aquelas ligadas a uma organização ou pessoa sem, contudo ter autorização para falar em nome da entidade ou do indivíduo, por exemplo, os funcionários de uma organização. Já as fontes independentes são as que não possuem nenhum vínculo ou interesse”. (LAGE 2001, p. 63-68).

Segundo Lage (2001, p.67) “as fontes primárias são aquelas em o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números.” As fontes secundárias, de acordo com o autor, são premissas genéricas ou contextos do ambiente utilizadas na preparação de uma pauta. Os experts são fontes secundárias que são procurados em busca de interpretações de fatos e eventos.

Ressalta-se que o documentário foi constituído do testemunho de quem conviveu com o personagem central, Ismael Batista da Silva. As entrevistas com fontes primárias, envolvidas diretamente com o fato, foram a base para retratar, o mais próximo possível, a dura realidade à qual Ismael estava inserido na infância e a história de superação até a chegada ao Supremo Tribunal Federal.

2.3 Entrevistas

As entrevistas buscam a coleta de informações para retratar um acontecimento, reconstituir um fato e apresentar uma nova realidade. Nilson Lage (2001) dividiu as entrevistas em quatro tipos, levando em consideração os seus objetivos: ritual, temática, testemunhal e em profundidade. As entrevistas temáticas tratam de um assunto em que o entrevistado tenha conhecimento e importa que ele detenha autoridade sobre o tema. Isso ajuda na compreensão do assunto. O depoimento será uma interpretação ou versão do fato do qual a entrevista trata.

Já as entrevistas testemunhais são aquelas realizadas com personagens que relatam sua experiência num evento em que estavam presentes, participando direta ou indiretamente. Trata-se de uma reconstituição do acontecimento na visão do entrevistado e contém suas impressões subjetivas. Quando o objetivo da entrevista não for restrito ao tema ou a um evento específico, centrando-se na figura do entrevistado com intenção de retratar o modo de vida, sua cultura, a maneira como vê o mundo, tem-se a entrevista em profundidade.

Nesse contexto este trabalho utilizou as entrevistas testemunhais e as entrevistas em profundidade, realizadas com Ismael Batista da Silva, familiares e diretora da escola na qual o personagem central estudou..

Quanto as circunstâncias em que as entrevistas são realizadas, Nilson Lage (2001) classifica-as em ocasionais, quando não são combinadas previamente com o entrevistado; de confronto, onde o repórter se transforma num inquisidor trazendo à tona acusações e lançando argumentos com veemência sobre o entrevistado; a entrevista coletiva quando o tema for de grande interesse, e

organizada em um ambiente com maior ou menor formalidade, com a presença de vários repórteres de diferentes veículos, que atuam ao mesmo tempo; e a entrevista dialogal, essa previamente agendada, na qual entrevistado e entrevistador, em tom de conversa, discutem as questões apresentadas pelo repórter, permitindo o detalhamento dos assuntos abordados. (LAGE, 2001, p.77)

Nesse aspecto, todas as entrevistas realizadas durante a execução do filme foram dialogais, já que foram previamente acertadas com os personagens e se deu a oportunidade para que todos os assuntos fossem abordados de forma detalhada e profunda.

2.3.2 Realização das Entrevistas

As entrevistas para este documentário foram realizadas durante o primeiro semestre de 2014, da seguinte maneira:

- Dia 5 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, na residência de Anderson Olivieri na CCSW 3, na região do Sudoeste, Brasília;

- Dia 6 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, na residência de Anderson Olivieri na CCSW 3, na região do Sudoeste, Brasília;

- Dia 7 de maio de 2014, com Ainoã Batista da Silva, na QR 109, conjunto 2, lote 7, em Samambaia, Distrito Federal;

- Dia 8 de maio de 2014, com Maria da Penha Carvalho Thomaz, na Avenida Araucárias Quadra 205, em Águas Claras, Distrito Federal;

- Dia 10 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, na

- Dia 10 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, na QR 109, conjunto 2, lote 7, em Samambaia, Distrito Federal;

- Dia 10 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, no Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek em Brasília;

- Dia 10 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, na SQS 406, em frente ao Bloco R, Brasília;

- Dia 12 de maio de 2014, com Andreia Carvalho Thomaz Amaral, na Avenida Araucárias Quadra 205, em Águas Claras, Distrito Federal;

- Dia 14 de maio de 2014, com Ismael Batista da Silva, em frente ao Supremo Tribunal Federal, na Praça dos Três Poderes, Brasília;

- Dia 14 de maio de 2014, com Irmã Maria José, no Colégio Imaculada Conceição, na 606 Sul, Brasília.

Cremilda Medina (2008, p.5) afirma que respostas pré-pautadas por um questionário podem ser eficazes, mas certamente não serão um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Para a autora, é necessário estabelecer um diálogo com os entrevistados, a fim de que, ao responderem, transmitam emoção e autenticidade.

Neste contexto, para a realização das entrevistas deste documentário, buscou-se estabelecer o diálogo com os entrevistados. Um questionário base foi preparado previamente para cada um, com perguntas específicas para cada episódio vivenciado. Estruturadas assim, as perguntas permitiram que cada

entrevistado pudesse discorrer com tranquilidade sobre o assunto, e também facilitaram no trabalho de edição do documentário.

2.4 Roteirização e Edição

Depois da pré-produção, pesquisa e das entrevistas gravadas, chega o momento de roteirizar o filme. Apesar de se utilizarem de técnicas parecidas em grande parte do processo de produção, documentário e filme de ficção diferenciam-se nesta fase. No segundo, o roteiro é feito previamente e, depois, as filmagens são executadas. Evidentemente, ao se definir o tema do documentário, já se tem uma ideia prévia de como a história de vida do personagem seria contada. Apesar disso, por não se ter certeza sobre como serão as entrevistas, o roteiro é feito após a fase de filmagens. Para Barry Hampe (1997) “se a produção é de um documentário espontâneo [...] não deve haver um script, no sentido de um roteiro cinematográfico tradicional, porque ninguém sabe o que realmente vai acontecer na hora da filmagem”.

Uma parte importante do processo de planejamento de um documentário é o Tratamento, o qual coloca a ideia geral do documentário de forma suficiente para que seja entendido, mas flexível o suficiente para permitir mudanças criativas. O Tratamento é geralmente entendido como um esboço (outline) do documentário. Ele descreve o conteúdo do documentário e o estilo em que ele deve ser filmado. Sobre o que se trata o documentário. O que será incluído. Como será filmado. E como ele se parecerá. Inclui todos os elementos – as pessoas, os lugares, as coisas e os eventos – que devem fazer parte do documentário. E mostra como o documentário será organizado. (HAMPE, 1997, p.5)

Como se imaginou contar o filme em formato biográfico e cronológico, o documentário foi dividido não em capítulos, mas em momentos de acontecimentos bruscos e/ou guinadas na vida do personagem: apresentação; morte do pai; tiro que tomou quando criança; fuga de casa; vida no aeroporto; episódio em que se tornou

suspeito de um furto; processo de “adoção” por uma nova família; episódio de preconceito na escola; e aprovação no concurso do Supremo Tribunal Federal.

Terminadas as gravações das entrevistas, e a degravação dos depoimentos, selecionou-se aqueles que se encaixariam melhor na narrativa imaginada, com os próprios personagens conduzindo o filme. O processo de edição do vídeo e de pós-produção foi feito com auxílio de Thiago Resende.

CONCLUSÃO

Filmar, apurar, entrevistar, rever, decupar e começar tudo de novo. Refletir sobre a realidade que nos cerca. Acordar e dormir em meio a uma história de vida, cercada de nuances. O desafio de se produzir um filme jornalístico, que se limita a poucos minutos, não é nada diante da aridez que é uma existência onde foram, na maior parte do tempo, negados todos os direitos de cidadania. Como trazer em imagens o frio que é viver dentro de um guarda-volume? Como é descrever a dor de alguém ignorado por condições sociais ou cor da pele? Perder um pai assassinado, sentir a quentura de uma munição atravessar as costas, revisitar o passado e chamar aqueles poucos instantes de superação, de felicidade. Poucos minutos de imagens e sons não fazem justiça. E esse desafio vai angustiar para sempre.

Se, por um lado, foi difícil retratar em imagens uma história de vida com a de Ismael, ainda mais complicado foi a escolha das cenas e das entrevistas que comporiam o filme. Como retratar 31 anos de vida em 20 minutos? As opções foram feitas baseadas no que os próprios entrevistados decidiram. Não, eles não acompanharam o processo de edição. Mas os rumos que a história tomou foram definidos com os acontecimentos que eles próprios julgaram importantes. Fazer jus à vida de Ismael, e motivar outros possíveis “Ismaéis” que possam existir, foi bastante prazeroso. Difícil, mas prazeroso. Faz parte do trabalho jornalístico não apenas criticar, mas também trazer à luz histórias cativantes, que possam servir de bandeira para vítimas de mazelas, exclusões por raça e condição social.

Numa era de avanços sociais e de direitos humanos, com reações controversas das camadas mais conservadoras, é tempo de o jornalismo discutir e refletir, também em imagens, por que é inconcebível qualquer tipo de preconceito ou de discriminação. A linguagem audiovisual foi o instrumento considerado mais adequado para se contar esta história, pela possibilidade de aliar imagens e sonoras, músicas e silêncio.

A opção por retratar em vídeo apenas uma história de superação se baseou na possibilidade de poder aproveitar ao máximo a vida de Ismael, levando em conta que ela, por si só, já carrega consigo um grande valor notícia e é possível, com apenas um personagem, sustentar um documentário de curta duração. Aprofundar o

assunto, sem deixar de abordar aquilo que se considerou mais importante durante a apuração e execução do trabalho, tirando o máximo possível em três meses de trabalho e em pouco mais de 20 minutos de filme, foi um grande desafio, e por consequência, um grande aprendizado neste trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, Luciane; BISTANE, Luciana. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2005.

COTTA, Pery. *Jornalismo : teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.

HAMPE, Barry. *Escrevendo um documentário*. New York. Disponível em: <
<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf> >

JESPERS, Jean-Jacques. *Jornalismo Televisivo*. Coimbra: Minerva, 1998.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração, 2003.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. *Gramática do texto Jornalístico*. Disponível em:
<<http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/md-gramatica8.html>>

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.

LUCENA, Luiz Carlos. *Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo: Summus, 2012.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 2008.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus , 2007.

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV : manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PENAFRIA, Manuela. *O filme documentário: história, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Por que as notícias são como são?* Florianópolis: Insular, 2004. V.1.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO BASE

ISMAEL BATISTA DA SILVA

Fale sobre a sua origem.

Descreva quem é você.

Como foi a sua infância?

Por que fugiu de casa aos oito anos?

Por que escolheu o aeroporto como destino?

Como ficou sua relação com a família biológica depois da fuga?

Como era sua rotina no aeroporto?

Como conheceu a Andrea, sua futura irmã?

Por que ela resolveu te levar para casa?

Fale sobre as primeiras impressões que teve de D. Penha, sua mãe.

Como recebeu o convite dela para morasse lá?

De que forma sua vida melhorou ao ir para o novo lar?

Como foram os estudos após a adoção, em escola particular?

Você sofreu preconceito racial e social no novo círculo de amizades?

Conte como percorreu a trajetória até se tornar um servidor do STF?

Quais os seus sonhos para o futuro?

MARIA DA PENHA CARVALHO THOMAZ

Tem lembrança de como foi o primeiro dia em que viu o Ismael na vida?

Qual a sensação que teve nesse dia?

Como percebeu que a sua filha, Andréa, passou a levar Ismael para casa para pernoites?

Como foi a decisão de ficar com a guarda de Ismael?

Por que determinou, como condição, a reconciliação do Ismael com a família biológica?

Quais as maiores dificuldades que teve com a educação do Ismael?

Houve interferência de pessoas de fora, dizendo que poderia estar se complicando ao colocar um menino de rua em casa?

Era complicado lidar com o gênio de Ismael, um garoto com parte do caráter forjado nas ruas?

Olhando para trás, hoje, como se sente por ver que o Ismael se tornou um homem bem-sucedido?

Sente-se gratificada por ser tratada pelo Ismael como mãe?

ANDRÉA CARVALHO THOMAZ AMARAL

Como era a sua rotina de trabalho no aeroporto?

Muitas crianças de rua viviam por ali?

Como era a sua convivência, no stand de aluguel de carros, com essas crianças?

Como foi o dia em que viu Ismael pela primeira vez?

O que te chamou a atenção em Ismael?

O que te impulsionou a levar Ismael diariamente para sua casa?

Como foi a aceitação da sua mãe com relação à ida de Ismael para a casa de vocês?

Depois que a sua mãe conquistou a guarda do Ismael, como ficou o seu relacionamento com ele?

Hoje, olhando para trás, como se sente por ter sido a pessoa responsável por retirar Ismael das ruas?

Como é o relacionamento de vocês hoje?

AINOÃ BATISTA DA SILVA

Onde nasceu o Ismael?

Como foram os primeiros anos de vida dele?

Durante a infância, quais características dele te chamavam a atenção?

Como aconteceu a morte do pai de Ismael e como ele reagiu ao baque?

Quando foi a mudança para Samambaia?

Saberia dizer o que motivou o Ismael a fugir de casa?

A senhora o procurou nesse período? Em quais lugares?

Como conviveu com o tempo de ausência dele?

Quanto tempo ele ficou fora de casa?

No dia em que ele voltou, qual foi a reação da senhora?

A senhora recebeu de que forma o pedido dele para morar com outra pessoa na Asa Sul?

Como é o relacionamento da senhora com a dona Penha?

Hoje, depois de ter se tornado um homem de bons valores e bem-sucedido profissionalmente, como a senhora enxerga o Ismael? Ele é espelho para os demais filhos da senhora?

Qual recado a senhora deixaria para o Ismael?

IRMÃ MARIA JOSÉ CAMPANHARO

Quando Ismael chegou ao colégio, a direção foi informada das origens dele?

O colégio trabalhou de algum modo especial com o Ismael?

Quais foram as principais dificuldades com ele?

A senhora se recorda de algum episódio interessante que envolva o Ismael?

A escola dava algum tratamento especial ao Ismael no sentido de protegê-lo?

Como foi o episódio de “briga” envolvendo uma colega dele, a Priscila, em que a expulsão de Ismael do colégio foi requerida pela mãe da garota e pelo professor de Geografia?

Por que o colégio, no impasse imposto pela mãe e pelo professor, escolheu pela permanência de Ismael?

Como ficou resolvido imbróglio?

Como se sente, quinze anos depois, ao ver o Ismael bem-sucedido profissionalmente e formado como homem de bons valores? Acha que o colégio Imaculada Conceição contribuiu com isso?

APÊNDICE B – ROTEIRO

VÍDEO	ÁUDIO
<p>Imagens de meninos jogando bola de gude na terra. Em seguida, garotos jogando futebol em escola,. Depois entra imagem da bandeira do Brasil tremulando. Abertura termina com imagem em zoom do STF, saindo até menino de rua entrar em cena. Em seguida, imagem em preto e branco. (sobrepostas a fala).</p>	<p>Abertura: Superação, determinação e vontade de viver. Música BG: Pheonix Rising – Torrey Desmond Rogers</p>
<p>Aparece arte com título do filme. A RAÇA DE ISMAEL: DO MALEX DE AEROPORTO À SUPREMA CORTE BRASILEIRA. (sobrepostas a fala)</p>	<p>ISMAEL: Me chamo Ismael Batista da Silva,. Nasci no Hospital Regional da Ceilândia e a nossa vida sempre foi uma vida de muita necessidade.</p>
<p>GC: Ismael Batista da Silva Ismael sonora – em frente à casa de Ceilândia</p>	<p>ISMAEL: Aqui todo esse espaço ele era uma invasão, tinham vários barracos aqui, que foi o lugar onde minha mãe veio morar. Ela fez um</p>

	<p>barraco porque já havia a promessa de ganhar um lote na Samambaia. Não sabia exatamente que seria na Samambaia, mas o governo já havia prometido que daria um lote em algum lugar para as pessoas que habitavam neste local.</p>
<p>GC: Ainoã Batista da Silva – mãe. Ainoã sonora</p>	<p>AINOÃ: Ele sempre foi um filho que sempre esteve ali junto comigo. Eu estava fazendo as coisas, ele sempre foi carinhoso, ele sempre foi apegado comigo na infância dele quando era criança. Ele me ajudava, falava para mim que quando crescesse ia trabalhar, me ajudar ,sempre ele comentava.</p>
<p>Tela fica preta</p>	<p>Som de tiro</p>
<p>Ismael sonora.</p>	<p>ISMAEL: Meu pai eu não tenho muita recordação dele, eu sei o que minha mãe conta, o que meus avos já me contaram. Mas assim, o pouco que eu me recordo, eu lembro que ele</p>

<p>Ainoã sonora</p>	<p>era uma pessoa batalhadora, que trabalhava.</p> <p>AINOÃ: Porque o pai dele, era Deus no céu e esses filhos dele na terra, os três filhos que ele deixou.</p> <p>Quando o pai dele morreu, ele ficou muito desesperado, inclusive eu também chorei ,fiquei desesperada também porque eu vi ele chorando. Aí ele chorava desesperado e falava assim fala que meu pai não morreu não.</p>
<p>GC: ANTÔNIO CRUZ DE ALMEIDA FOI UMA DAS 8.803 VÍTIMAS DE HOMICÍDIO POR ARMA DE FOGO NO DISTRITO FEDERAL, EM 1986. (pisca) ISMAEL FICOU ÓRFÃO DE PAI AOS 4 ANOS DE IDADE.</p> <p>Imagem frisada do cemitério em preto e branco dividindo a tela com texto.</p>	<p>Silêncio</p>
<p>Imagem de retrato do avô; fachada</p>	<p>ISMAEL: Meu pai se casou com</p>

<p>da casa da avó; imagem de lixo no local. Volta para Ismael. Imagem de pano sujo de sangue; imagem de cemitério (sobrepostas a fala).</p>	<p>minha mãe e foram morar num barraco nesse lote do meu avô. E tinha esse grupo de desocupados que estava usando droga, fumando maconha perto da minha casa e a fumaça estava vindo para dentro da casa e meu irmão era recém nascido e meu pai foi lá brigar com eles. Teve uma confusão, meu pai puxou a faca e tudo e a gente, todo mundo, pensa que realmente foi por conta dessa confusão que acabaram assassinando meu pai.</p>
<p>Tela dividida em três, horizontalmente. Acima, imagem de garotos andando de bicicleta. No meio, entra GC: "SAMAMBAIA ERA SÓ POEIRA". Abaixo, imagem de barracos e poeira.</p>	<p>Silêncio</p>
<p>Imagem tijolos; imagem barracos com menino soltando pipa.</p>	<p>ISMAEL: Não demorou muito que meu pai faleceu, e minha mãe conheceu meu padrasto, e ela</p>

<p>Imagens varal; imagens barraco e poeira (sobrepostas a fala).</p>	<p>comprou o material, eles montaram um barraco numa invasão e, dessa invasão, ela veio a ganhar um lote na Samambaia.</p> <p>AINOÃ: As condições da gente no começo você sabe que é tudo muito difícil. Aí não tinha lá aquelas condições porque ainda não tinha construído a casa, morava como eu te falei, que a casa que a gente morava era só um cômodo feito de madeirite. Era grande, dava para fazer os repartimentos, mas como eu te falei os repartimentos era tudo de tapete separando as paredes, o chão também de tapete tudo ali daquele jeito. Era simples.</p>
<p>Imagem garotos andando de bicicleta; garotos jogando bola de gude na poeira.</p>	<p>ISMAEL: Samambaia cara, isso aqui era tudo poeira. Você vê que hoje ainda não tá muito distante. Quando Samambaia começou e, como eu disse, não tinha essas casas. As casas era tudo de madeira, não</p>

	<p>tinham os muros, eram cercas, aqueles arames farpados que faziam as divisões dos lotes. Era muito poeira e não tinha espaço para as crianças brincarem, obviamente, então a gente criava os nossos espaços, construía o campinho de futebol.</p>
<p>Trava a imagem no Ismael no momento do som de tiro, e imagem fica em preto e branco.</p>	<p>SOM DE TIRO.</p>
<p>Imagem tiro na parede com manchas de sangue (sobreposta a fala).</p>	<p>ISMAEL: Na verdade, num primeiro momento eu não soube que levei um tiro, porque eu estava dormindo e não acordei com o barulho do tiro. Eu acordei com uma ardência muito grande nas costas, minhas costas ardendo, ardendo, ardendo.</p>
<p>GC: VÍTIMA DE BALA PERDIDA AOS 7 ANOS, ISMAEL OUVIU DO MÉDICO QUE, POR 1 CM, NÃO FICOU PARAPLÉGICO. Imagem</p>	<p>Silêncio</p>

<p>marca de tiro no portão em preto e branco dividindo a tela com o texto.</p>	
<p>Imagem de cicatriz nas costas do Ismael. (sobreposta a fala)</p>	<p>ISMAEL: Ai meu padrasto falou que tinha ouvido barulho de tiro mas nem imaginava que um dos tiros tinha vindo e feito aquele estrago nas minhas costas.</p>
<p>Tela dividida em três, horizontalmente. Acima, imagem de avião pousando no aeroporto de Brasília. No meio, entra GC: “DESTINO CERTO: DE CASA PARA O AEROPORTO”. Abaixo, ônibus passa no eixinho.</p>	<p>AINOÃ: Ele falava assim, mãe quando eu crescer eu vou trabalhar, vou ser piloto de avião. Ele falava que ia ser piloto de avião. GC: “DESTINO CERTO: DE CASA PARA O AEROPORTO”.</p>
<p>Imagem do interior da casa em Samambaia; imagem da fachada da casa; imagem do hospital de Ceilândia; imagem de menino sem camisa e descalço caminhando em chão de terra; imagem de pessoa embarcando em ônibus; imagem de</p>	<p>ISMAEL: Eu já não gostava muito da samambaia o local, onde eu morava. Fui ficando desgostoso da vida, não gostava da escola também. E foi onde um belo dia, minha mãe teve outra filha já do outro casamento, e que depois veio a falecer também, e</p>

<p>ônibus estacionados na rodoviária. (sobrepostas a fala)</p>	<p>quando ela estava no hospital cuidando dessa filha que se adoentou, eu aproveitei que eu ficava cuidando do meu irmão mais novo, eu aproveitei para fugir de casa. E isso eu estou falando eu tinha oito anos e meu irmão cinco, porque ele É três anos mais novo do que eu, o Misael. Ele tinha cinco anos, eu aproveitei essa oportunidade. Então foi destino certo. Eu nunca cheguei a ficar na rodoviária, tinha uns garotos que ficavam na rodoviária. Eu não cheguei a ficar, foi de casa para o aeroporto.</p>
<p>Imagem das locadoras de carro do aeroporto. (sobreposta a fala) GC: ANDREA CARVALHO AMARAL – IRMÃ “ADOTIVA”</p>	<p>ANDREA: Eu trabalhava no aeroporto, numa locadora de carros, e o aeroporto estava em obras, e tinham muitas crianças de rua.</p>
<p>Imagem da chegada ao aeroporto de dentro do ônibus; imagem aviões estacionados. (sobrepostas a fala)</p>	<p>ISMAEL: Desci do ônibus e vi lá os aviões estacionados. Já no aeroporto de Brasília você descendo já via o tráfego dos aviões... E iniciou ali uma</p>

<p>Imagem do saguão do aeroporto. (sobreposta a fala)</p>	<p>nova fase da minha vida.</p> <p>ANDREA: Bastantes crianças de rua, tudo, que ficavam às vezes perambulando pelo aeroporto.</p>
<p>Imagem estacionamento do aeroporto com carrinho; imagem lanchonete; imagem banheiro do terminal.</p>	<p>ISMAEL: Ali de certa forma eu tive que me sustentar, tive que desenvolver uma forma de ganhar dinheiro para comer. Tive que arrumar um lugar onde eu pudesse tomar banho, pudesse ter o básico ali.</p>
<p>Andrea sonora.</p>	<p>ANDREA: E depois durante o dia quando a gente chegava para trabalhar elas rodeavam ali a gente, a gente dava lanche, tudo isso, e nisso a gente conheceu alguns meninos. E nessa trajetória, a gente conheceu o Ismael.</p>
<p>Imagem de passageiros fazendo check-in; imagem de homens carregando carrinho de bagagem</p>	<p>ISMAEL: Eu vi uma pessoa fazendo isso por favor, por generosidade e vi ali a possibilidade de ganhar algum.</p>

<p>com cadeirante passando ao fundo; imagem de estacionamento do aeroporto com helicóptero passando ao fundo. (sobrepostas a fala)</p>	<p>Foi uma que eu estava lá, admirando tudo que via no aeroporto e eu vi que chegou uma pessoa com certa deficiência, que tinha dificuldade de carregar sua bagagem. Uma pessoa veio, foi lá onde ficavam os carrinhos de carregar as malas, puxou um carrinho e perguntou: posso ajudar a senhora? E ajudou aquela pessoa carregando a bagagem dela até o veículo, a condução dela que estava chegando ali na parte de desembarque do aeroporto. Quando eu olhei aquilo eu falei, deu a sacada, e falei está aí. Eu posso fazer isso, e as pessoas vão me fazendo isso, e vão me dar um trocado. Não deu outra.</p>
<p>Imagem de porta do malex batendo em preto e branco.</p>	<p>Som de porta batendo</p>
<p>Ismael entra no malex. (sobreposta a fala)</p>	<p>ANDREA: O box do aeroporto ficava um pouco na área externa, ficou um bom tempo na área externa, e ali a</p>

<p>Ismael sonora em frente ao malex. Imagem de travesseiro e cobertor dentro do malex. (sobreposta a fala)</p> <p>Tela dividida em três, horizontalmente. Acima, imagem de logotipo da Polícia Civil atrás das grades. No meio, entra GC: "ELES CONSEGUIRAM ME PEGAR". Abaixo, pessoa atrás das grades.</p>	<p>gente percebeu que algumas crianças dormiam no momento em que os boxes estavam fechados elas se recolhiam dentro dos boxes.</p> <p>ISMAEL: É estranho olhar para o malex para esses guarda volumes e ter a sensação de casa. É de metal isso aqui, então esfria ou esquenta mais que o normal, então nos dias de frio, muito frio, era bem complicado. Aí vinha a cobertinho, o cobertorzinho que tinham me dado aqui também, uma das pessoas que trabalhavam aqui e o travesseiro, ajudavam muito, porque se fosse só o malex para dormir, só entrar ai, não teria como, porque fica muito frio.</p> <p>Silêncio</p>
---	--

<p>Imagem em movimento de bandeiras próximas ao aeroporto. (sobreposta a fala)</p>	<p>ANDREA: Essa criança pegou a chave de um carro e na realidade furtou esse carro, quer dizer, foi dar um rolé, foi dar uma volta, mas eu tinha certeza que o Ismael não tinha participado disso.</p>
<p>Imagem de carros da polícia em movimento; imagem da fachada da DCA; imagem de palmatória batendo em mão; imagem de carro de polícia estacionado em frente à DCA; imagem de logotipo da polícia civil. (sobrepostas a fala)</p>	<p>ISMAEL: Pegaram alguns meninos e quando aconteceu isso eu também fui um dos que foram levados depois. Eles conseguiram me pegar lá e me levaram, lembro como se fosse hoje, me levaram para a DCA, e me lembro que um investigador, uma gente da policia, não te dizer exatamente, pegou uma palmatória. O irmão mais novo dos três era o que estava do meu lado. Eu era o ultimo, ele foi vindo, os maiores, mais fortes, não falavam nada. E ele “pá pá pá” na mao do maior, o maior nao falou nada, “pá pá pá” na mão do menor, e foi vindo, quando chegou aqui, o menor era quase da minha</p>

<p>QUER VER É O FILHO BEM".</p> <p>Abaixo, pessoas no aeroporto.</p> <p>Penha sonora. GC: MARIA DA PENHA THOMAZ – MÃE “ADOTIVA”</p> <p>Imagem de placa da asa sul; imagem de chave abrindo a porta; imagem de cama desarrumada. (sobrepostas a fala)</p> <p>Imagem de chuveiro (sobreposta a fala). Andrea sonora.</p> <p>Imagem fachada do bloco R da 406 sul (sobreposta a fala)</p>	<p>PENHA: A andreia encontrou com o Ismael no aeroporto e levou o Ismael la para casa so que a andreia levava ele escondido porque eu trabalhava e quando eu chegava em casa eu falava assim andrea teve agluem agqui, ela nao mamãe teve nao eu gido teve sim</p> <p>ANDREA: E um dia eu perguntei para ele “ah vamos lá em casa pra gente tomar um banho” e ele foi. E isso eu fiz por varias vezes, depois acordei, fui lá e levei ele de volta para o aeroporto. Mas assim, a gente sentia que tinha já uma relação de afetividade.</p> <p>ISMAEL: A primeira vez que eu entrei na casa da Andrea e da Penha eu fiquei fascinado. Para mim era</p>
---	--

<p>Penha sonora.</p>	<p>tudo muito novo, muito limpo, porque realmente a situação que eu vivia na minha casa era de muita penúria. Eu morava num barraco.</p> <p>PENHA: E depois que a Andrea pegou o Ismael, foi levando lá para casa, eu quis saber realmente tudo. Da onde que ele veio, o que estava acontecendo, a família dele, se ele tinha família, se não tinha. Aí eu fui correr atrás disso.</p>
<p>Imagem de ônibus voltando. Imagem da fachada da casa de Samambaia. (sobrepostas a fala)</p>	<p>ISMAEL: O primeiro requisito dela, e óbvio, era de voltar para sua casa, porque eu tenho que conversar com sua mãe, porque ela vai precisar me dar sua guarda. Se ela autorizar aí você pode ficar, se não, não dá.</p>
<p>Imagem de altar e de bíblias na casa de Samambaia. (sobrepostas a primeira parte da fala)</p> <p>Ainoã sonora.</p>	<p>AINOÃ: E eu sempre pedindo a Deus porque o medo que eu tinha era desse menino ficar na rua e se tornar uma má pessoa. Quando eu penso que não, bate assim no meu ombro e</p>

<p>Imagem de Ismael voltando para o bloco R. (sobreposta a última parte da sonora)</p>	<p>na hora que eu olhei era ele. Ai eu fiquei numa felicidade tao grande que eu fiquei ate fora de si de tao alegre que eu fiquei de ver ele porque tudo que uma mae quer ver é o filho bem.</p> <p>ISMAEL: Aí eu voltei, esperei um tempinho, fui amadurecendo, conversei com ela. Eu me lembro de que a primeira vez, ela não queria aceitar muito. Mas aí depois eu falei com ela e ela acabou aceitando e eu voltei lá para a asa sul e falei para a Penha que minha mãe tinha aceitado. Aí elas duas foram lá na minha casa para conhecer minha mãe.</p>
<p>Imagem de assinatura de contrato quando fala do termo de guarda. (sobreposta a fala)</p>	<p>PENHA: Aí foi que eu tive o contato com ela. Eu dei entrada com ele no processo, não de adoção, mas no termo de guarda.</p>
<p>Tela toda branca. GC: “Tinha que ser preto mesmo”</p>	<p>Música BG: Memoirs – Rameses B (fica até o final dos episódios de</p>

<p>Tela dividida em dois: à esquerda, imagem de meninos jogando bola de gude. À direita, parquinho da 406 sul. (sobrepostas a fala)</p>	<p>preconceito – até “também fortalece”)</p> <p>ISMAEL: Assim, eu já comecei a viver algum conflito nessa época né, porque foi um período porque eu não era bem quisto no meio da minha nova sociedade e passei, de certo modo, a não ser bem quisto na minha antiga sociedade. Porque na Samambaia todos os meninos acabaram sabendo da minha historia, que eu tinha sido adotado por uma pessoa rica e que agora eu era um playboyzinho, um riquinho.</p>
<p>Penha sonora.</p>	<p>PENHA: O preconceito é muito grande entendeu. Eu lutei muito contra o preconceito porque tinha pessoas que falavam assim para mim: “Penha vai lá em casa”, vai lá em casa, como se dissesse assim: “não leva o Ismael”.</p>
<p>Andrea sonora.</p>	<p>ANDREA: A gente observava ate mesmo de vizinhos sempre a gente</p>

<p>MARIA JOSÉ CAMPANHARO – DIRETORA</p> <p>Imagem da fachada do Colégio Imaculada Conceição; imagem de meninos jogando bola em quadra (sobrepostas a fala)</p>	<p>nosso numa fase difícil da vida dele e as manifestações na escola não eram tão cordiais com os colegas as vezes ate com professores porque vivia uma situação que a gente mediava e que a gente compreendia e ele foi mudando e uma das vezes foi uma brincadeira de mau jeito com uma menina e ela saiu machucada</p>
<p>Imagem de grade de janela (sobreposta a fala)</p>	<p>ISMAEL: Eu me lembro que eu empurrei a Priscila e ela foi vindo para trás e meteu as costas na quina da grade e machucou e ela foi falar com a mãe dela. E ela obviamente ficou muito brava, muito nervosa e foi conversar com a diretora da escola.</p>
<p>Irmã Maria José sonora.</p>	<p>IR. MARIA JOSÉ: E a mãe veio exigir a expulsão do Ismael, com palavras grosseiras, excludentes e de alto preconceito.</p>
<p>Ismael sonora.</p>	<p>ISMAEL: E api diretora pediu para a mãe da Priscila falar e ela expressou</p>

	<p>toda sua raiva, seu nervosismo e falou que eu não servia para viver no meio das crianças civilizadas, e disse que a filha dela era muito meiga, muito amável, e que ela não merecia ter sofrido aquilo. E que ou era eu ou a filha dela na escola.</p>
<p>Irmã Maria José sonora.</p>	<p>IR. MARIA JOSÉ: Foi muito serio porque o professor de Geografia era muito acreditado na escola, conceituado pelos alunos e ele comprou entre aspas a dor da menina e pressionava a escola que, se a escola não se posicionasse pela expulsão do Ismael, também ele iria embora e não continuaria mais no Imaculada. O Imaculada não poderia mais contar com ele.</p>
<p>Ismael sonora.</p>	<p>ISMAEL: E aí a irmã virou para a mãe da Priscila e disse “olha, sua filha realmente ela é meiga, é muito querida e eu tenho certeza que qualquer outra escola que ela for ela</p>

<p>Irmã Maria José sonora.</p>	<p>vai se dar muito bem, vai ser bem aceita, vai ser muito bem quista”. Aí falou para o professor Luiz “eu não tenho o que falar o tanto que o senhor é querido aqui, nós, de forma alguma, gostaríamos que você saísse da escola. Mas você é um excelente profissional, se for para outra escola também vai ser bem recebido e vai conquistar o mesmo sucesso”, “agora, o futuro do Ismael é incerto”. A gente não sabe dizer se ele for para outra escola, se ele vai ser bem aceito em outra escola, se vão saber cuidar dele em outra escola.</p> <p>IR. MARIA JOSÉ: E foi um momento assim interessante, porque na conversa, na mediação disso, embora num primeiro momento de forte conflito, em seguida a mãe compreendeu, a jovenzinha que estava em conflito que estava com o Ismael continuou na escola, o</p>
--------------------------------	--

<p>Ismael sonora.</p>	<p>professor continuou na escola. ISMAEL: Mas o Ismael da escola não vai sair. É muito marcante isso, muito forte, toda vez que eu conto eu me emociono muito, porque aquilo me marcou muito.</p>
<p>Tela dividida em três, horizontalmente. Acima, imagem do STF. No meio, entra GC: “APROVEITADOR DE OPORTUNIDADES”. Abaixo, imagem em movimento dos malex.</p>	<p>Música BG: Inspiration – Marcus Neely (até subida dos créditos)</p>
<p>Imagem da placa da biblioteca da UnB; imagem fachada da biblioteca da UnB. (sobrepostas a fala)</p>	<p>ISMAEL: Eu fiz um cursinho e mantive uma carga de estudo, fiquei um ano e meio estudando, uma média de doze horas por dia para concurso, concurso, concurso. E nessa empreitada, eu consegui alguns êxitos, consegui passar em alguns concursos.</p>
<p>Ismael sonora em frente ao Supremo Tribunal Federal.</p>	<p>ISMAEL: Em 2006, eu fui chamado para cá, na verdade, e estava já</p>

<p>Imagem em preto e branco do malex abrindo; imagem do Ismael entrando no prédio do STF.</p> <p>Penha sonora.</p> <p>ENTRA TÍTULO DO FILME NOVAMENTE</p>	<p>esperando na lista do concurso. E quando veio a nomeação, eu fiquei muito feliz, eu recebi o contato de que viria para o STF e foi motivo de muita felicidade, muita alegria. E aqui estou trabalhando até hoje. É um local de trabalho do qual tenho muito orgulho,</p> <p>ISMAEL: Esse contraste, essa antítese entre o malex do aeroporto e uma mesa de servidor no Supremo já me fez chorar muito na presença de Deus, porque é quem eu mais agradei sempre a minha vida. E obviamente a minha mãe a penha que me deu essa oportunidade.</p> <p>PENHA: E se vocês me perguntarem se eu faria tudo de novo, faria, faria tudo de novo porque valeu a pena, só posso dizer isso para vocês, valeu a pena.</p>
---	--

<p>RODA CRÉDITOS FINAIS</p> <p>A raça de Ismael: do Malex de Aeroporto à Suprema Corte Brasileira</p> <p>Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB</p> <p>Direção e roteiro ANDERSON OLIVIERI E LUCAS SALOMÃO</p> <p>Produção e imagens ANDERSON OLIVIERI, LUCAS SALOMÃO E THIAGO RESENDE</p> <p>Edição de imagens e pós-produção THIAGO RESENDE</p> <p>Professor orientador ME. LUIZ CLÁUDIO FERREIRA</p>	<p>Música BG: Lavagem cerebral (racismo é burrice) - Gabriel, o Pensador</p>
--	--

Coordenador do curso de Jornalismo
PROF. HENRIQUE MOREIRA

Trilha sonora

Pheonix Rising - Torrey Desmond
Rogers

Memoirs - Rameses B

Inspirational - Marcus Neely

Lavagem cerebral (racismo é burrice)
- Gabriel, o Pensador
© Hip Hop Brasil (Gege Edições)

Agradecimentos

Ao querido amigo e mestre Luiz
Cláudio Ferreira;

Aos nossos pais e irmãos;

À Erica Jarjour;

<p>Aos nossos familiares e amigos;</p> <p>Aos entrevistados;</p> <p>À banca examinadora</p> <p>E, em especial, ao amigo e cunhado Thiago Resende, pela presteza e paciência demonstradas durante a exaustiva realização deste filme.</p> <p>Andrea sonora.</p> <p>Ir. Maria José sonora.</p> <p>Ainoã sonora.</p>	<p>ANDREA: O Ismael, ele foi um menino que soube aproveitar as oportunidades muito bem.</p> <p>IR. MARIA JOSÉ: Eu vejo que com o Ismael aconteceu um milagre.</p> <p>AINOÃ: Meu filho, além de você ser meu orgulho, que eu me orgulho demais de você, por você ser meu filho mais velho e dar o exemplo brilhante desse para os seus irmãos mais novos, e depois disso, o meu amor, que é imenso por você.</p>
---	---

